

AVENIDA JOÃO NAVES DE ÁVILA DIA E NOITE: AS DIVERSAS CONSTRUÇÕES DE TERRITÓRIOS E SEUS SIGNIFICADOS NA VIDA DOS DIFERENTES USUÁRIOS*

BRUNA SIMÕES TAVARES¹, DAYANA FERREIRA ALVES VELOSO², ISABELLE
APARECIDA DAMASCENO³, KÁSSIA NUNES DA SILVA⁴

RESUMO

O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido a partir do edital PROGRAD/PIBEG/UFU N°1/2009, que tem como objetivo desenvolver um estudo na Avenida João Naves de Ávila para compreender as diversas construções de territórios e seus significados na vida dos diferentes usuários, utilizando como embasamento teórico as diferentes concepções de Território, o qual é tido como uma das principais categorias de análise geográfica. Para isso, fez-se necessário identificar autores que discutem essa categoria, como forma de subsidiar a pesquisa. Assim, tornou-se essencial a realização de leituras que direcionassem a compreensão tanto do espaço em si, como das suas categorias de análise, dando ênfase à significação do território. A conclusão deste projeto de pesquisa apresenta um dos caminhos a se percorrer para compreender a questão conceitual sobre os territórios, que se pautam nas condições culturais e econômicas como eixo principal para o entendimento do mesmo. Identificando os diferentes significados de territórios, sob a ótica dos diversos agentes sociais que nele vivem e convivem.

PALAVRAS-CHAVE: Avenida João Naves de Ávila, conceitos, território.

ABSTRACT

This work is part of a research project developed from the announcement PROGRAD / PIBEG / UFU No. 1 / 2009, which aims to develop a study in the Avenida João Naves de Ávila seeking to understand the various constructs of territories and their meanings in the lives of different users, using as theoretical basis the different conceptions of the Territory, which is considered one of the main categories of geographic analysis. For this, it was necessary to identify authors who discuss this category as a way to subsidize research. Thus, it is essential to carry out the understanding that direct readings of both the space itself, as its categories of analysis, emphasizing the significance of territory. The conclusion of this research project shows one way to go to understand the conceptual question of the territories, which are based on economic and cultural conditions as a central focus for understanding the

* Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Vicente de Paulo da Silva.

¹ Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Geografia; Alameda Aderbal Viana, 267, Bairro Jardim Karaíba; Uberlândia – MG; 38.411-210; bruna.stavares@hotmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Geografia; Rua Maurítânia, 14, Bairro Laranjeiras; Uberlândia – MG; 38.410-256; dayanaveloso@yahoo.com.br.

³ Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Geografia; Rua João Limírio dos Anjos, 1001, Bairro Segismundo Pereira; Uberlândia – MG; 38.408-266; belegeo@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Geografia; Rua Antônia Saltão de Almeida, 167, Bairro Jardim Finotti; Uberlândia – MG; 38.408-118; kassianunesdageo@yahoo.com.br

same. We tried to then identify the different meanings of territory, from the perspective of various social agents who live and coexist.

KEYWORDS: João Naves de Ávila avenue, Concepts, Territory.

I - INTRODUÇÃO

Os estudos referentes à ciência geográfica são baseados em um conjunto de categorias de análise que se subdividem, a partir de sua categoria principal - o espaço - nas demais categorias, a saber: região, paisagem, lugar e território. Nesta pesquisa, a categoria de análise Território se tornou o foco da investigação, uma vez que tínhamos o entendimento de que a mesma contribui, sobremaneira, para a compreensão da complexa rede de relações entre o espaço e a sociedade, na qual se pretendeu compreender a Avenida João Naves de Ávila. Neste sentido, a rua tornou-se palco efetivo de nossa pesquisa, que a partir de métodos empíricos de análise, pode-se verificar a existência de uma gama significativa de territórios que foram se consolidaram ao longo do tempo, cada qual com suas singularidades e especificidades inerentes à ideia conceitual de Território.

Assim, a estruturação dos territórios no espaço urbano deriva de um processo social complexo, que não é determinado apenas pela qualidade física, social e econômica de certos espaços da cidade, mas também por uma simbologia criada e associada a fatores políticos e culturais, que são resultados históricos, no processo de uso e ocupação do solo urbano, que dotam as cidades de símbolos e significados que vão além da percepção humana.

Friedrich Ratzel, um dos sistematizadores da ciência geográfica, que teve sua obra desenvolvida na Alemanha no final do século XIX, foi o pioneiro nos trabalhos e temas relacionados com a categoria território. De acordo com os estudos de Ratzel (1992), o território foi concebido como uma área que era controlada, dominada, tida como um espaço de poder do homem e, devido a esse caráter possuía intrínseca relação com a Geografia Política. Sendo assim, Moraes (1992) *apud* Rocha (2008, p. 136) consideram que Ratzel define território como sendo:

[...] uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano. Observa-se que a propriedade qualifica o território, numa concepção que remonta as origens do termo na Zoologia e na Botânica (onde ele é concebido como área de dominância de uma espécie animal ou vegetal). Dessa forma, o território é posto como um espaço que alguém possui, é a posse que lhe dá identidade [...].

Neste sentido, para Ratzel o território é um instrumento de dominação de um grupo sob outro, que possibilita a ampliação da área de influência econômica e cultural dos povos (ROCHA, 2008).

Podemos encontrar, também em Santos (1999), que o território tem uma existência material própria, mas ela somente possui existência real por meio das relações sociais. A partir desta análise, o que se pode compreender é que a imagem que se tem de um território ou de vários territórios se constrói muito além daquilo que é percebido, ou seja, esse conceito, na verdade, reflete uma expressão sobre as relações sociais existentes no local de estudo, que são os responsáveis pela configuração e representação do significado territorial.

De acordo com Haesbaert (2005), o conceito de território surge epistemologicamente relacionado a dois contextos distintos, um material e outro simbólico. O contexto material possui uma ligação direta com a dominação jurídico-política da terra, daqueles que possuem o poder sobre os demais cidadãos. Por outro lado, verifica-se também a apropriação da terra por aqueles que dela usufruem. Isso ocorre devido ao sentimento de pertencimento e identificação que é desenvolvido com o lugar. Neste sentido, o território está vinculado à questão do poder, tanto no que tange ao poder político e concreto da dominação, do valor de troca, quanto no que se refere ao poder simbólico da apropriação do espaço, em função do processo de uso, de vivência. Em relação a isso Haesbaert (2005, p. 6775) afirma que o território “[...] desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”.

Ao se falar em território e territorialização, devem-se considerar os diversos sujeitos que o compõem e o constroem, sendo assim, o mesmo precisa ser analisado em meio a sua multiplicidade, distinguindo os diferentes grupos e relações que nele são estabelecidos. Deste modo, o território é composto por diversos agentes, podendo ser ele o indivíduo, instituição, empresa, Igreja, cada qual carregado de suas especificidades culturais e sociais, que variam de acordo com o grupo ou mesmo com o indivíduo que o habita. Quem detém um território, tem a possibilidade de manter o controle de outros povos e de outras nações (SACK, 1986 *apud* HAESBAERT, 2005, p. 3). Em relação a isso, Carvalho (s/d), concordando com as ideias de Callai (2002), coloca que:

[...] é no decorrer de seu processo de construção que no território se imprimem diferentes marcas e características que diferenciam os lugares entre si, o que lhes confere uma particularidade, para a qual também os costumes, os valores, as tradições são elementos que, no seu conjunto, estruturam a identidade de um lugar.

Para Corrêa (1989) nem todos os agentes sociais que apropriam do território tem capacidade de modelar e transformar este espaço e, neste sentido, Corrêa assegura que:

Espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. (p. 11)

Inversamente ao processo de territorialização, encontra-se o processo de desterritorialização, o qual se designa por produzir a desapropriação dos indivíduos de seus espaços de origem, enviando-os, na maioria das vezes para subespaços ou aglomerados de exclusão. Segundo Carvalho (s/d, p. 62) “O território como disputa entre grupos antagônicos tem levado à desterritorialização dos mais fracos”. No que tange à desterritorialização, Haesbaert (2000) *apud* Carvalho (s/d, p. 62), afirma que são “espaços sobre os quais os grupos sociais dispõem de menor controle e segurança, material e simbólica”, lugares onde se produz o “anonimato, a anulação de identidades e a ausência praticamente total de autonomia de seus habitantes”.

Um local onde o anonimato é realizado com frequência é a rua, pois esta generaliza, iguala e nivela todos os transeuntes que dela faz uso. A rua enquanto uma unidade de estudo nos ajuda a verificar a situação econômica e o desenvolvimento da sociedade, e somente com uma análise empírica podemos distinguir moda, costumes, cultura e tradições de uma sociedade que está sempre em evolução.

A rua pode nos demonstrar a distância econômica da população que tem acesso aos bens e serviços essenciais, nos colocando assim a par da situação econômica do país. Com isso, pôde-se perceber a fundamental importância que a renda familiar detém, sendo fator determinante para o modo de vida da população, uma vez que a política econômica concentradora instituída no país eleva os efeitos da pobreza, bem como das desigualdades econômicas e sociais da população. Em relação ao exposto, Graciani (2005) afirma que:

Os efeitos da pobreza aparecem em forma de cascata ao se reproduzirem por gerações, numa perspectiva, senão de perpetuação, mas de multiplicação que se materializa nas formas e estilos de vida que assumem as sucessivas gerações de famílias pobres. (p. 25)

Pensando nisso, podemos afirmar que a educação é o único modo de acabar com essa cascata que assola o país e impede seu desenvolvimento e, neste sentido, Graciani (2005) vem

explicitar a importância da prática da Educação Popular na transformação da sociedade. Ela considera que esta prática, que trabalha com o conhecimento, contribui para a ampliação do mesmo, na medida em que os grupos populares dialogam entre si trocando experiências de vida, de luta e de sobrevivência no meio em que vivem, auxiliando assim na “construção do novo”.

Esta troca de experiências leva a uma transformação que constitui na libertação da sociedade no que tange à desigualdade, injustiça, exploração econômica, dominação política e dependência cultural, a fim de satisfazer as necessidades sociais e constituir uma sociedade justa. Essa transformação da realidade somente pode ser efetivada, segundo Graciani (2005), através da práxis.

Sendo assim, Saquet (2007, p.177) afirma que o desenvolvimento territorial “precisa ser construído participativamente, reconhecendo-se os diferentes sujeitos, os distintos interesses, os anseios, os sonhos, as necessidades; os tempos e os territórios; as temporalidades, as territorialidades e a conquista de autonomia”.

Neste sentido, o presente trabalho, que tomou a categoria de análise do território como o seu arcabouço teórico conceitual, tem como objeto central desenvolver uma pesquisa na Avenida João Naves de Ávila de forma a adotar como pressuposto a aplicação de uma metodologia específica de estudo, que irá possibilitar a compreensão das diversas territorialidades que são estabelecidas em seu percurso, além de verificar o significado destas para os moradores e demais usuários da via, sobretudo comerciantes. Para tanto, é fundamental a realização de trabalhos de campo na área de estudo, visando aliar a teoria à prática, tendo a possibilidade de promover uma análise empírica tanto dos usos da avenida quanto da vivência dos moradores no que tange à diversidade territorial da via. Tudo isso irá proporcionar o desenvolvimento de um relatório que apresentará a dinâmica sócio-espacial da Avenida João Naves de Ávila, a partir do estudo do território como uma categoria de análise da Geografia, bem como os efeitos diretos e indiretos que esta dinâmica gera para seus usuários.

Como objetivos específicos pretendem-se: identificar os diversos usos do território presentes na referida avenida, em termos de sua lógica organizacional e espacial; buscar materiais iconográficos das diversas construções de territórios na área de estudo; analisar os diferentes significados de territórios a partir da apreciação dos usuários; refletir sobre a forma de utilização desse território entre os diversos usuários; oferecer ao graduando, do curso de Geografia, maior compreensão sobre as diversas formas do ensino de geografia, bem como as

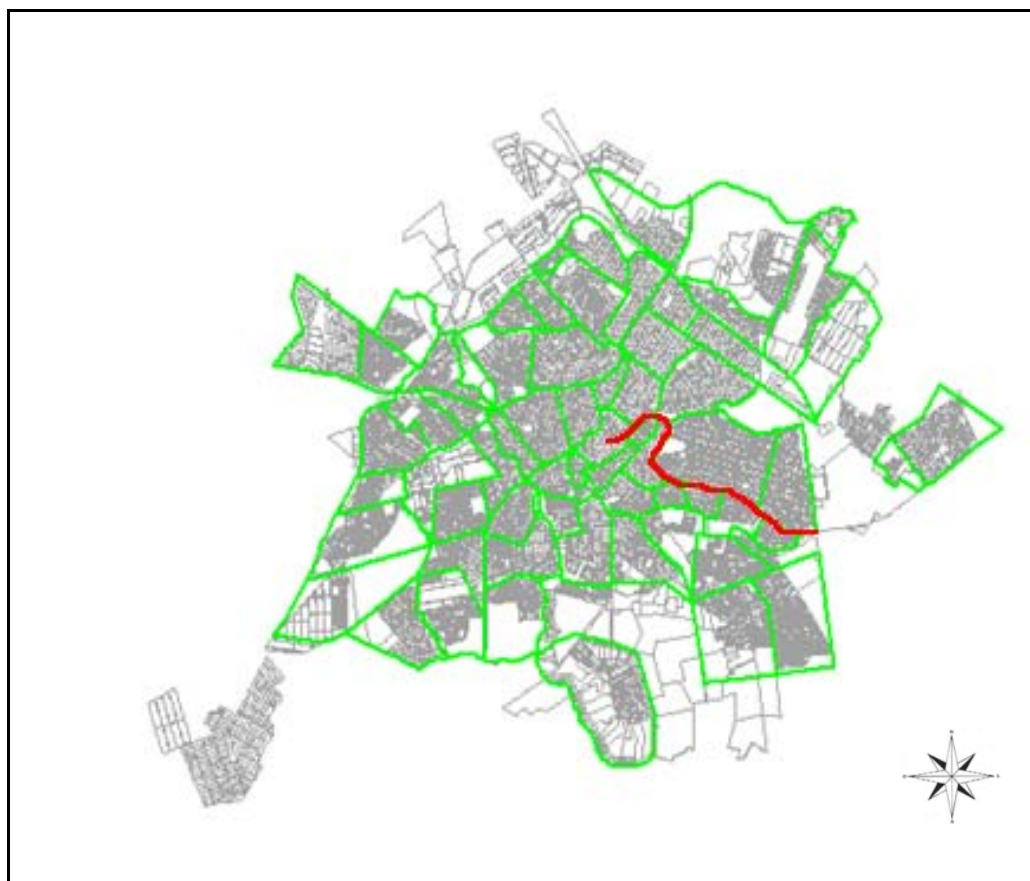
metodologias que podem e devem ser utilizadas para facilitar seu estudo; demonstrar aos alunos a importância de utilizar técnicas didático/pedagógicas mais dinâmicas e interessantes, como os trabalhos de campo, que facilitem o processo de ensino/aprendizagem.

II – MATERIAS E MÉTODOS

A pesquisa em questão, que tem por base promover uma análise sobre os diversos tipos de territorialidades presentes ao longo da Avenida João Naves de Ávila, localizada na cidade de Uberlândia (MG), visa proporcionar aos estudantes maior conhecimento no que tange tanto às questões urbanas da via, como temas relacionados ao transporte, comércio e demais tipos de serviços; quanto às demandas referentes ao ensino de geografia, como este deve ser conduzido e através de quais meios ele será mais bem desempenhado.

Para a execução desta pesquisa, fez-se necessário promover um trabalho conjunto entre professores e alunos bolsistas, para ter um compartilhamento de informações e conhecimentos a fim de potencializar os resultados da pesquisa, a qual conta com um total de quatro bolsistas, que buscaram atingir os objetivos propostos, por meio de leituras de textos científicos e pesquisas de campo, norteadas pelo professor orientador. Neste sentido, o presente artigo almeja alcançar os fins pré-estabelecidos, através dos procedimentos metodológicos elencados a seguir.

Inicialmente foi realizada a divisão do grupo em duplas de forma a facilitar o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo no momento da realização dos trabalhos de campo, os quais proporcionaram melhor visão da realidade contida na dinâmica dos espaços e dos usos da avenida, o que possibilitou uma maior compreensão da sua territorialidade. Essa divisão se fez necessária, visto que, em razão da avenida trabalhada conter um longo percurso, foi preciso que cada dupla partisse de um de seus extremos para realizar o mapeamento de campo, de forma a alcançar uma melhor compreensão das peculiaridades encontradas ao longo do trabalho de campo. Posteriormente procedeu-se a escolha dos percursos de cada dupla, sendo os sentidos definidos como centro/bairro e bairro/centro, uma vez que a avenida em questão abrange do Centro da cidade (com início em uma das principais avenidas do centro, a saber: a Avenida Floriano Peixoto) até os bairros Santa Luzia e Segismundo Pereira (que são bairros mais longínquos da área central da cidade), como mostra a Figura 1.



Legenda:

Escala 1:200.000




-  Avenida João Naves de Ávila
-  Bairros Integrados
-  Quadras

Figura 1 - Localização da Avenida João Naves de Ávila na Área Urbana do Município de Uberlândia - MG

Fonte: UDIGIS Online, 2010. Org.: DAMASCENO, I. A., 2010.

A saber, a Avenida João Naves de Ávila ainda é recortada por outras importantes ruas e avenidas que fazem parte do complexo urbano de Uberlândia, quais sejam Cesário Alvim, Rondon Pacheco e Segismundo Pereira.

Após a realização da pesquisa de campo, que já foi descrita anteriormente, o grupo precisou realizar a definição dos elementos que seriam classificados como território e excluir aqueles que não se enquadrassem nesta abordagem, conforme os critérios definidos previamente. Esses critérios são permeados de muita subjetividade, e foram percebidos ao longo de nossa trajetória, pois definir territórios passa por uma tomada de decisão que depende de critérios puramente subjetivos, objetivos e bastante imprecisos. Os critérios não

são frutos de uma arbitrariedade, mas resultados de discussões, leituras e debates que ajudaram na compreensão do que mais se aproxima do entendimento do pesquisador, embora isso por si só aparente certa arbitrariedade, o que preferimos chamar de liberdade de escolha.

A segunda etapa do trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas e de registros fotográficos com os agentes que compõem os territórios registrados, a fim de caracterizar quais são os elementos, simbólicos e/ou sentimentais que traduzem aquele determinado espaço como sendo território para esses sujeitos. O uso da fotografia, neste trabalho se justifica, pois, aqui ele é tratado como um documento fotográfico que auxilia o leitor na compreensão do artigo e, também, para que aquele possa, a partir da imagem, refletir e pensar sobre tal território, o que possibilita na interpretação de territórios e situações que complementam o gênero textual, e por isso, pode ser consideradas como partes intrínsecas e indispensáveis ao texto.

Consequentemente, com a realização dos trabalhos de campo, foram realizadas reuniões entre as bolsistas e o professor orientador, para discussões mais aprofundadas sobre o termo território, onde foram estudados alguns dos diversos autores que trabalham com este termo e suas várias formas de análise.

Após estas etapas da pesquisa, chega-se, portanto, nos resultados finais, os quais serão determinados, a partir de tudo que foi desenvolvido nas fases anteriores, tais como o embasamento teórico, instituído por meio de pesquisa bibliográfica, leituras de obras sobre a temática, levantamento e análise de dados, bem como a realização empírica dos trabalhos de campo que se constituem como ferramenta essencial para a compreensão da dinâmica do espaço geográfico da área de estudo.

III – RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Avenida João Naves de Ávila se constitui como uma das principais vias de tráfego do município de Uberlândia, e se caracteriza como a segunda rua mais movimentada da cidade. Nesta avenida estão concentrados diversificados tipos de serviços, tanto públicos quanto privados, que atendem às necessidades da população, dentre eles: rede de hipermercado e supermercado (Carrefour e Bretas), rede de hotéis; Prefeitura e Câmara Municipal de Uberlândia; Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - campus Santa Mônica; hospital - Unidade de Atendimento Integrado (UAI Pampulha); Shopping Center;

terminais urbanos de transporte público (Sistema Integrado de Transporte - SIT), juntamente com um conjunto de estações que estão estrategicamente dispostas ao longo da avenida para melhor atender a população usuária do transporte público.

Além destes usos encontrados ao longo da avenida, podemos destacar também a sua importância para os bairros a qual ela pertence, pois a referida avenida perpassa por 11 bairros, como demonstra a Figura 2.

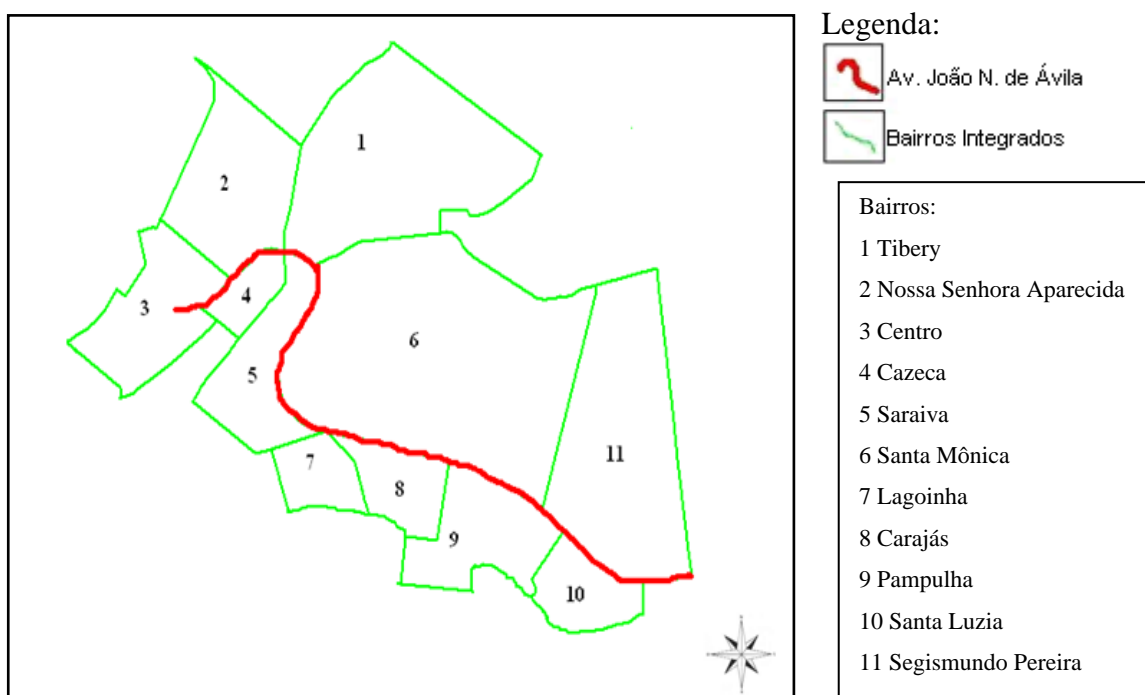


Figura 2 - Avenida João Naves de Ávila e os Bairros Circunvizinhos

Fonte: UDIGIS Online, 2010. Org.: DAMASCENO, I. A., 2010.

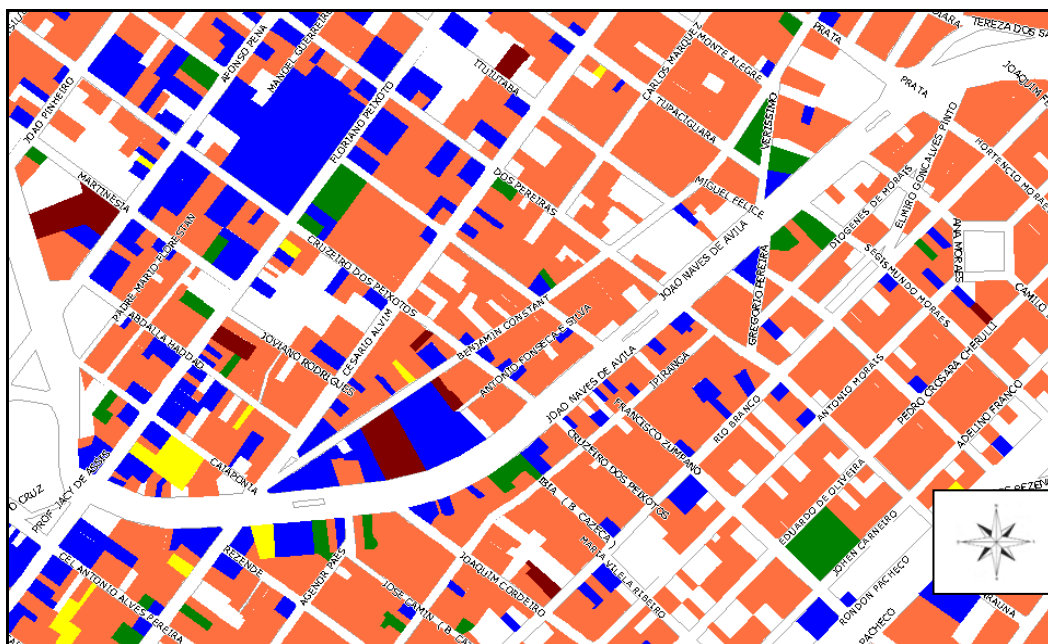
Durante os momentos de reflexão sobre as diversas acepções de territórios realizados com o orientador da pesquisa, chegou-se a conclusão de que seria utilizado, para a pesquisa de campo, o conceito de território conforme o entendimento que o autor Rogério Haesbaert considera em seus diversos trabalhos relacionados ao tema, o qual define esta categoria de análise geográfica a partir de uma abordagem jurídico-política, econômica e cultural, assim como especificado anteriormente.

Entretanto, a partir dos conceitos desta categoria de análise, percebe-se uma intensa subjetividade embutida em sua definição, fazendo com que todos os elementos encontrados na via estudada se configurassem como território para determinado agente social, visto que, cada lugar serve de referência e identidade para específicos atores que compõem e modificam o espaço, por meio de suas relações sociais. Neste sentido, todos os elementos da avenida

foram considerados como sendo territórios e, visando facilitar a compreensão, tais elementos foram agrupados em categorias, de acordo com o tipo de atividade desenvolvida.

Assim, a experiência em campo se dividiu em dois momentos, a saber: primeiro fez-se a visita a campo durante o dia e em seguida no período noturno, a fim de levantar, coletar dados e realizar uma apreciação sobre as diferentes territorialidades presentes na avenida nestes dois momentos do dia.

A Avenida João Naves de Ávila é composta basicamente por estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços e em menor representação pelos elementos culturais e de lazer, sendo que aqueles vão diminuindo sua especialização na medida em que se afastam da área central. A forma de utilização deste espaço central pode ser caracterizada a partir da Figura 3.



Legenda:

Escala 1:5.000



Figura 3 - Uso e Ocupação do Território na Avenida João Naves de Ávila, nos Bairros Nossa Senhora da Aparecida, Cazeca e Centro.

Fonte: UDIGIS Online, 2010. Org.: DAMASCENO, I. A., 2010.

Nesta figura, podemos observar que o uso e ocupação do solo urbano, nos arredores da Avenida João Naves de Ávila, está voltado para o uso residencial. Mas, é preciso observar que a realidade encontrada em campo, demonstra que estas residências estão associadas com o uso, concomitante, para o comércio, pois estas casas estão, em sua maioria, no segundo andar das construções, já que no primeiro andar se percebe a presença da atividade comercial em geral, como mostra as Fotos 1 e 2.

Foto 1 – Avenida João Naves de Ávila: ocupações residenciais e comerciais, no Bairro Centro.

Autora: DAMASCENO, I. A., 2010.

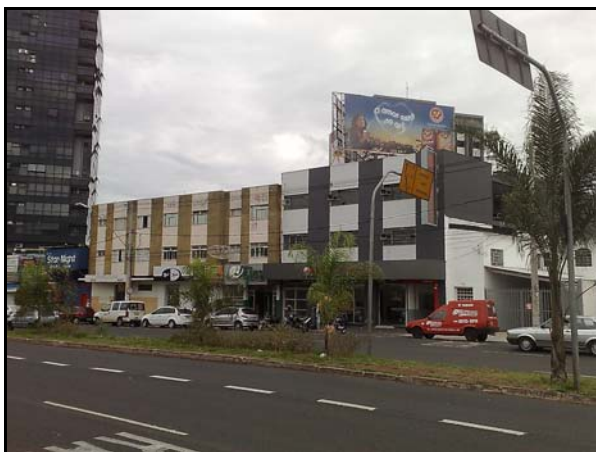


Foto 2 – Avenida João Naves de Ávila: ocupações residenciais e comerciais, no Bairro Centro.

Autora: DAMASCENO, I. A., 2010.

Assim, esta associação no uso e ocupação do território na Avenida João Naves de Ávila, no Bairro Centro, pode ser justificada pela importância que esta localidade possui, tanto para os comerciantes, quanto para aqueles que fazem da rua um local para viver. Cabe também salientar sobre os espaços reservados para a especulação imobiliária presentes ao longo da avenida, sobretudo nas proximidades dos bairros Santa Mônica e Segismundo

Pereira, como apresenta a Figura 4, onde se observa a ausência de dados para a complementação dos dados iconográficos, mas que também pode ser associada a falta de uso deste espaço urbano.



Legenda:

Escala 1:5.000

- Não informado
- Residencial
- Comercial
- Industrial
- Especial
- Templo

Figura 4 – Uso e Ocupação do Solo na Avenida João Naves de Ávila, nos Bairros Santa Mônica, Lagoinha, Carajás e Pampulha

Fonte: UDIGIS Online, 2010. Org.: DAMASCENO, I. A., 2010.

Mesmo em se tratando de uma mesma avenida, que perpassa por diferentes bairros da cidade, pode-se constatar que a mesma apresenta diferentes formas de ocupação. Quando iniciamos os trabalhos de campo nos bairros mais longínquos do centro da cidade, o que se pode observar é que há uma nova dinâmica de uso e ocupação do território, onde se percebe a presença de vários locais ainda não utilizados.

Este cenário, pode ser melhor visualizado nas Fotos 3 e 4, que representam os grandes lotes vagos que ainda existem à margem da avenida.



Foto 3 - Avenida João Naves de Ávila:
lotes vagos no Bairro Santa Mônica .
Autor: DAMASCENO, I. A., 2010.



Foto 4 - Avenida João Naves de Ávila:
lotes vagos no Bairro Segismundo Pereira.
Autor: DAMASCENO, I. A., 2010.

Durante a realização dos trabalhos de campo observou-se a presença de poucos ambulantes na avenida, e os que existem ficam comercializando frutas com seus automóveis estacionados em pontos estratégicos, a reduzida presença destes comerciantes se deve, provavelmente, ao fato da avenida em estudo ser caracterizada como uma via de tráfego rápido com reduzido número de pedestres. Além disso, nota-se que os estabelecimentos contidos na avenida possuem certa especificidade, não sendo necessária a intensa circulação de pessoas nas proximidades das lojas para que a comercialização dos produtos seja efetivada de maneira satisfatória.

Deve-se considerar, portanto, que a Avenida João Naves de Ávila, além de oferecer esses tipos de serviços e esta abrangência territorial, apresentados anteriormente, ela também é palco de outros sujeitos e agentes sociais, que configuram uma funcionalidade diferente para a avenida no período noturno. A partir de seus estudos Sobrinho (1998, p. 132) se pode destacar que:

A prostituição também criou a sua espacialidade no centro de Uberlândia. Na Avenida João Naves de Ávila, existem várias casas noturnas, onde se exerce esta atividade. Junto às boates, verifica-se a existência de inúmeras prostitutas e garotos de programa que ficam nas calçadas à procura de clientes.

O trabalho de campo noturno foi realizado em dois momentos, o primeiro durante a semana e outro no final de semana. No primeiro momento, se pode perceber que a avenida apresenta uma variada gama de bares, churrascarias, casas noturnas, dentre outros tipos de lazer que aumentam o fluxo e a utilização da mesma (vide Foto 5, 6 e 7). No final de semana, a percepção é outra, se observa que há uma maior frequência de pessoas que utilizam a

avenida para a prostituição (vide Foto 8). Nestes locais, determinados pelos usuários que fornecem o serviço à clientela disponível, se pode constatar que há uma divisão de territorialidades, onde cada indivíduo já possui o seu “local de trabalho”, como se a avenida fosse dividida em “donos”, configurando-a, portanto, em territorialidades noturnas e diurnas.



Foto 5 - Avenida João Naves de Ávila:
Bares noturnos
Autor: SILVA, K. N., 2009



Foto 6 - Avenida João Naves de Ávila:
churrascarias
Autor: SILVA, K. N., 2009



Foto 7 - Avenida João Naves de Ávila:
entretenimento.
Autor: SILVA, K. N., 2009.



Foto 8 - Avenida João Naves de Ávila:
casas noturnas.
Autor: SILVA, K. N., 2009.

Desta maneira, constata-se a existência de um intenso sentimento de identidade social com o espaço de vivência, por parte dos comerciantes, sobretudo no que tange à ideologia-cultural que se manifesta nas relações culturais, econômicas, políticas e sociais (SOUZA & PEDON, 2007).

Entrevistas

A pesquisa de campo desenvolvida em março de 2010 consistiu na realização de quatro entrevistas, a saber: um ambulante que comercializa abacaxi por meio de um veículo Kombi; uma comerciante que possui uma lanchonete; uma representante da igreja; e um borracheiro; que serão demonstradas a seguir e respectivamente.

O primeiro entrevistado (vendedor de abacaxi) fica estacionado em um ponto específico da via. Nascido em São Paulo e morador da cidade de Uberlândia há aproximadamente vinte anos, comercializa as frutas no mesmo local a cerca de sete anos e não há uma fiscalização do órgão público, visto que, as frutas, segundo ele, podem ser revendidas livremente. O proprietário adquire os abacaxis de seus familiares, os quais cultivam a fruta no município de Monte Alegre de Minas (MG) e afirma que possui clientes fixos como, por exemplo, o proprietário de uma sorveteria da cidade, que compra as frutas para adicionar o sabor aos seus produtos.

O comerciante assegura que nunca existiram problemas com os demais vendedores, pois todos são conhecidos no ramo e, em função disso, existe um respeito mútuo entre eles, fazendo com que cada um permaneça em um ponto determinado, o qual não prejudica e nem entra em concorrência com os demais. Entretanto, ele mencionou que caso isso ocorresse ele preservaria e defenderia seu espaço, podendo considerar assim que o vendedor toma tal lugar como seu território.

Segundo o vendedor, a escolha do ponto de comercialização ocorreu em função de sua amizade com o proprietário de uma auto-elétrica que fica em frente ao seu “estabelecimento”, ou ao seu território. Devido à amizade entre ambos, o dono do comércio permitiu a utilização da calçada pelo vendedor de abacaxi, o qual trabalha diariamente no local.

A segunda entrevista, realizada com uma comerciante que possui lanchonete na via nas proximidades da área central da cidade, trabalha no local há 5 meses e afirma que o escolheu devido à pouca concorrência. Anteriormente a este comércio, a vendedora possuía um carrinho de cachorro quente, localizado na mesma avenida. Ela afirma que seu maior desejo é ampliar o espaço de seu comércio no mesmo local, visto que, considera o lugar como sua “segunda casa”. Segundo a própria vendedora nunca houve interferência de outros comerciantes nas proximidades de seu estabelecimento, entretanto, afirmou que se alguém o fizesse “ficaria brava”, demonstrando claramente sua identidade com o local e a defesa ao território “invadido”.

A terceira entrevistada se identificou como uma “Obreira da Igreja Universal do Reino de Deus”. Ela frequenta o local por influência da família, e por ter se identificado com o mesmo, afirmando que foi o único lugar no qual ela encontrou Deus. Sua identificação com o território religioso se afirma, pois seu sentimento de pertencimento se manifesta por meio da fé, o que deixa claro que aquele lugar lhe proporciona paz e felicidade. De acordo com a entrevistada, seu sentimento com a igreja é tão forte que ela se indignaria se alguém quisesse modificar a estrutura do lugar, visto que, os fieis se empenharam em construir um lugar grandioso, como afirma a mesma, “merecedor da presença de Deus”. Um dos pontos marcantes da entrevista diz respeito ao protesto que os fieis desta e de outras igrejas fizeram a fim de conseguir uma regulamentação na Prefeitura de Uberlândia, pois a entrada da igreja não deveria estar voltada para a Avenida João Naves de Ávila, mas sim para os fundos. Com o protesto eles conseguiram assegurar que o templo não fosse modificado.

O último e quarto entrevistado foi um borracheiro que aluga um cômodo e trabalha no local há 11 anos, ele afirma que os maiores frequentadores de seu estabelecimento são os transeuntes que trabalham na área central e passam frequentemente pelo local. O mesmo assegura que já possuiu outras cinco borracharias, todas na mesma região, e escolheu o ponto, em função de que, na época, quase não havia concorrência e por ser um lugar bastante movimentado. Hoje ele considera que a região já está bem saturada de estabelecimentos do seu ramo, mas, apesar disso, ele ainda almeja se mudar do local para um estabelecimento próprio, se possível na mesma avenida, uma vez que já é conhecido na região. Durante a entrevista, pôde-se perceber que o proprietário não conseguiu se expressar de maneira efetiva sobre seu sentimento de territorialidade com o lugar.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão ofereceu às alunas envolvidas do curso de Geografia uma oportunidade de realizar um estudo direcionado à realidade local, tomando como referência a rua – como objeto de estudo a partir da categoria de análise do território, e proporcionou às mesmas a oportunidade de adquirir conhecimentos teóricos e práticos que lhes auxiliassem no desenvolvimento de atividades pedagógicas durante a prática de ensino.

Ratzel (1992) *apud* Rocha (2008) assegura que é a posse que dá sentido de território, e é esta posse que lhe confere um sentido de identidade. Mas então o que dizer dos ambulantes

que trabalham na avenida, vendendo seu material de trabalho em um único lugar todos os dias? O que dizer das pessoas que utilizam a igreja e a defendem do estado, do município e de outros agentes que queiram destruí-la? O que dizer dos comerciantes que não possuem o local, simplesmente aluga, mas o defende, impedindo que pessoas o ataquem? O território, além de significar posse, também não significa defender este território de tudo e de todos e trabalhar para que ele funcione da melhor maneira possível?

O território não é somente a posse, como um papel assinado, é o sentimento de pertencimento daquele local, é o sentimento de poder. São todos estes sentimentos que atribuem às pessoas a identidade do território. E é este sentimento que Haesbaert (2005, p. 6777) cita como “território simbólico”. Podemos ver nesta pequena citação que todo o artigo está relacionado com território simbólico, este território que tanto a obreira da igreja como a garota de programa que trabalha a noite prezam.

João do Rio (1908, p. 1) diz que “A rua tem alma [...]”, e esta se torna criadora e destruidora de palavras, de moda, de conceitos e de costumes, os quais são facilmente apreendidos a partir de uma pequena leitura, *in loco*, da rua. Muitos costumes são desenvolvidos e somente depois são absorvidos pela população. Portanto, com esta leitura pode-se saber como esta comunidade se desenvolveu, o que ela preza e o que ela gosta.

O que podemos observar neste trabalho é que não existe somente um território pronto e definido. A noção de território está embutida em cada indivíduo, cada ser, cada atitude e cada sentimento que oferece um significado diferente do termo, de acordo com sua experiência cotidiana do mesmo.

Outra característica da rua é que ela iguala e homogeneiza o indivíduo, tornando-o parte de uma massa e suprimindo os seus maiores desejos. Esta massa pode ser caracterizada como agentes que recebem e devolvem ações transformadoras do cotidiano, pois é na rua que desemboca a maioria das ações das pessoas e de uma comunidade.

Portanto, a partir deste estudo, realizado em seis meses, podemos destacar a relevância de se aliar a teoria à prática, tendo em vista que ao iniciar os estudos propostos pela pesquisa, houve uma compreensão satisfatória das pesquisadoras no que tange à aceção do conceito de Território. Contudo, durante a realização do trabalho de campo, muitas dúvidas surgiram em relação à definição de quais construções presentes na avenida se configuravam como sendo território, sendo necessário posteriormente a realização de uma nova discussão entre o grupo com vistas a alcançar uma concordância comum sobre a problemática exposta.

Neste sentido, devemos salientar a importância do trabalho de campo, não somente em pesquisas científicas praticadas em instituições acadêmicas de nível superior, mas também é imprescindível voltar esta prática para estudantes de níveis médio e fundamental, uma vez que, o campo, além de ser um lugar que atrai o interesse e a atenção do educando, ele se configura, também, como um *locus* diferente do ensino teórico e muitas vezes enfadonho das salas de aula. O mesmo se caracteriza como o lugar onde surgem as maiores dúvidas, e onde as mesmas são esclarecidas com maior clareza e, sendo assim, os conteúdos são melhores compreendidos, tendo em vista o confronto com a realidade empírica que o mesmo proporciona ao aluno.

V - REFERÊNCIAS

BARCELLOS, J. A. S. Territórios do Cotidiano: Introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 40-48

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. **Ensino de Geografia: práticas e contextualizações no cotidiano**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) p. 83-134. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CARA, R. B. Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 67-75

CARVALHO, C. A. J. **A contribuição do conceito de território para uma gestão socialmente justa da cidade**. Disponível em <http://www.cidadessaudaveis.org.br/art_carlos_alberto.pdf/>. Acesso em 28 de agosto de 2009.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org). **Explorações Geográficas: percursos no fim do Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. Quem produz o espaço urbano? In:____. CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1989. p. 11-35.

COSTA, B. D. As relações entre conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.(ORG). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005. p.79-113

DORFMAN, A. As escalas do território e sua articulação. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 99-108

FERREIRA, E. **A apropriação do espaço nos vagões dos trens na Central do Brasil e o sentimento de pertencimento dos seus usuários**. XII Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009. Disponível em <http://egal2009.easyplanners.info/area08/8068_Ferreira_Edna.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2009.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. 5. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. Coleção Prospectiva, v. 4.

GOOGLE MAPS. Base de dados cartográficos. Disponível em: <www.maps.google.com.br>. Acesso em: dez. 2009.

HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em <http://mazinger.sisib.uchile.cl/repositorio/ap/arquitectura_y_urbanismo/h20054111314desteritorializacion.pdf>. Acesso em: ago. 2009.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

MESQUITA, Z. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 76-92

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. Título original: Pour une géographie Du pouvoir.

RATZEL, Friedrich. **O povo e seu território**. In: MORAES, Antônio Carlos R. (org.). *Ratzel*. São Paulo, Editora Ática, 1990. p. 73-82.

RIO, João. **A alma encantadora das ruas – João do Rio**. Coleção A Obra Prima da Cada Autor. Martin Claret, 1908.

ROCHA, J. C. **Diálogo entre as categorias da Geografia: espaço, território e paisagem**. Caminhos da Geografia. Uberlândia, v. 9, n. 27. Setembro de 2008, p. 128-142. Disponível em <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em 01 de setembro de 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções sobre o território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOBRINHO, F. L. A. **Produção do Espaço e Evolução Urbana da Área Central de Uberlândia**. Dissertação de Mestrado, Publicação FAU. DM. Brasília: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 1998, 189p.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. Território e Identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas – MS**, v. 1, nº 6, ano 4, 2007.

UDIGIS. Mapas Georreferenciados de Uberlândia. Disponível em: <<http://udigis.prodaub.com.br/udigis/main.asp>>. Acesso em: dez. 2009.